

Inflação, mal para todas as idades

Pesquisas mostram que para os brasileiros o maior problema do País é a taxa de inflação

MARLENE B. JAGGI

Pode-se ter 10, 30 ou 45 anos de idade. Atualmente não importa a geração ou a classe social a que se pertença. A inflação castiga toda a sociedade. As diferenças estão nas lembranças. Para um grupo de crianças, a inflação é sua companheira desde o nascimento. Está tão presente que Guilherme, aos 10 anos, usa os termos LBC e OTN para explicar a inflação. O casal Márcia e Washington Natel, aos 30 anos, é o melhor exemplo da geração da inflação. Sua maturidade começa no momento em que a inflação passa a assustar os brasileiros. Chegam a confessar que ficariam desnorteados se a inflação simplesmente desaparecesse.

Para eles, a inflação agiu como um fator inibidor de conquista dos bens, na perda da noção de valor da moeda. Tudo o que conseguiram foi batalhado a duras penas. Para o casal Sandra e Dieter Brockhausen, na faixa dos 40 anos, a inflação impediu novas conquistas. "O que conseguimos até há alguns anos, lutamos para manter. Melhorar o que temos agora é só um sonho", diz Sandra. Para ela, a inflação só não afetou as conquistas da geração com 50 anos.

Os depoimentos de representantes dessas três gerações demonstram não haver dúvidas: a inflação é o maior problema para os brasileiros, há muitos anos. As pesquisas da Standard Propaganda, através do Listening Post, levam à mesma conclusão. Esse estudo, feito regularmente há onze anos, mostra, por exemplo, que em janeiro de 1977 a inflação aparecia como o problema nº 1 do País. Mas era vista como um componente natural dos países em desenvolvimento: tratava-se "do preço a pagar" para se poder alcançar dias melhores. Nessa época, embora as consumidoras se dessem conta da inflação, os reajustes salariais eram compatíveis com os níveis inflacionários e elas ainda compravam de acordo com seus gostos e necessidades.

Em 1981 a pesquisa da Standard descobriu uma consumidora classe média submetida a um regime de contenção doméstica, permanentemente preocupada com a inflação e pessimista quanto ao futuro imediato. Na época, 80% das consumidoras revelavam-se seriamente afetadas pela inflação. A família comia menos e pior. A vida social e o lazer ficavam progressivamente mais restritos. Era o início da reces-

são e o que se sentiu nos anos seguintes não é nada diferente do que se vê agora.

A retomada do crescimento, a partir de 84, a figura de Tancredo Neves, a chama das eleições diretas e da Nova República fizeram também ressurgir sentimentos mais positivos no consumidor. Em 1985, os entrevistados do Listening Post demonstravam alguma confiança no País, expressa nas expectativas em relação a um curso menos agudo da inflação. Antes da reforma econômica, as expectativas de que a inflação ia subir muito eram expressas por 63% dos entrevistados. Com o Plano Cruzado, 48% apostaram na estabilidade inflacionária e nenhum dos entrevistados pensou que voltaria a subir. Poucos meses depois, porém, 40% já apostavam em crescimento inflacionário. Em abril de 87, antes do Plano Bresser, 69% dos homens ouvidos e 82% das mulheres acreditavam na elevação da inflação. A última pesquisa da Standard, feita em janeiro de 88, tem um resultado muito parecido com a primeira, feita em 1977. O grande problema do Brasil é a inflação. Só que, naquela época, era vista como um mal necessário. E agora, como uma violência aos sonhos do brasileiro.



Benedito Salgado

As crianças começam a aprender cedo o significado da inflação e dos seus efeitos